

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: Bolsistas de Iniciação Científica e Iniciação Tecnológica da Unijuí

FATORES INIBIDORES E PROPULSORES DOS AMBIENTES DE INOVAÇÃO: UM LEVANTAMENTO A PARTIR DOS RESULTADOS DE TESES E DISSERTAÇÕES DE PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO DA REGIÃO SUL¹

FACTORS INHIBITORS AND PROPULSORS OF THE INNOVATION ENVIRONMENTS: A SURVEY BASED ON THE RESULTS OF THESES AND DISSERTATIONS OF POSTGRADUATE PROGRAMS IN ADMINISTRATION OF THE SOUTHERN REGION

Luana Dervanoski², Martinho Luís Kelm³, Jéssica Casali Turcato⁴

¹ Pesquisa realizada no programa de pós-graduação em Desenvolvimento Regional da Unijuí.

² Estudante da graduação do curso de Ciências Contábeis da UNIJUI, Bolsista de iniciação científica PIBIC/CNPq.

³ Professor adjunto do PPGDR da Unijuí e do curso de Ciências Contábeis, Orientador. Mestre em Administração pela UFRGS (1996), Doutor em Engenharia de Produção pela UFSC (2003).

⁴ Bolsista CAPES, Mestranda em Desenvolvimento Regional pela Unijuí, Bacharel em Administração pela Unijuí (2015).

1 INTRODUÇÃO

Devido à evolução da discussão em torno do tema, ascendeu o interesse do meio acadêmico em aprofundar a análise da inovação e de suas vertentes. É possível ponderar que a inovação vem se tornando cada vez mais popular como um conceito, assim como um novo campo de pesquisa e, como campo, vem acumulando uma quantidade significativa de conhecimento científico.

Dada a crescente importância e a popularidade deste campo de pesquisa, principalmente quando a inovação no meio empresarial ocorre a partir das relações interorganizacionais estabelecidas entre as distintas partes envolvidas neste processo, é necessário aprofundar esta temática e a estrutura intelectual deste campo, a fim de preparar o caminho para o desenvolvimento de novas pesquisas e oportunidades de estudos. Assim, identificamos os principais fatores propulsores e inibidores do processo de inovação no que tange a importância das relações interorganizacionais entre os atores envolvidos neste processo. Isto será feito a partir da compilação dos resultados levantados em teses e dissertações de 7 programas de pós-graduação em Administração da região Sul do Brasil entre os períodos de 2015 à 2017. Ademais, será possível, a partir da compilação dos resultados destas pesquisas empíricas que aplicaram o conhecimento científico e em comparação com outros estudos, propor dimensões e variáveis de análise relevantes para que os processos de inovação atinjam êxito.

2 METODOLOGIA

O presente estudo assume um plano de pesquisa descritivo, quanto aos seus objetivos e, qualitativo, quanto à abordagem do problema. Para a execução desta pesquisa, foi realizada a busca por dissertações e teses na base de dados de 7 programas de pós-graduação em

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: Bolsistas de Iniciação Científica e Iniciação Tecnológica da Unijuí

Administração do Sul do Brasil, sendo eles: UFRGS (Universidade Federal do Rio Grande do Sul), UNISINOS (Universidade do Vale do Rio dos Sinos), UNISC (Universidade de Santa Cruz do Sul), UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina), UCS (Universidade de Caxias do Sul), IMED (Faculdade Meridional) e FURB (Universidade Regional de Blumenau), do período de 2015 a 2017.

A base de dados forneceu, ao todo, 127 dissertações e teses que foram analisadas a partir da tabulação dos títulos, resumos, palavras-chave, objetivo geral e específico e resultados. Após analisadas, chegou-se a 39 teses e dissertações que foram consideradas relevantes e se encaixaram na temática principal que é a inovação, sendo 15 teses e 24 dissertações.

A análise dos dados foi realizada com o intuito de encontrar, a partir dos resultados destes estudos, fatores facilitadores e fatores inibidores do processo de inovação. Diante disto, foram encontrados 28 fatores facilitadores e 22 fatores inibidores, os quais se repetiram em mais de um estudo. Estes fatores foram relacionados às seguintes categorias: comportamento, ambiente, relações e estrutura.

3 RESULTADOS

Dentre o conjunto dos estudos analisados, todos envolviam processos, modelos e mecanismos de inovação, mas a fim de compreender as temáticas principais destes estudos em torno da inovação, sistematizou-se a recorrência de palavras, que destacou os temas mais abordados e que os autores consideraram mais relevantes para constituir as palavras-chave dos 39 estudos.

Em relação ao ambiente, os fatores condicionantes se relacionaram a articulação entre as empresas, o governo e a universidade (Triplíce Hélice), principalmente no que se refere à atuação conjunta da universidade e das empresas e do apoio público para incentivo a inovação. No que se referem à estrutura, os fatores propulsores destacaram a necessidade de cooperação na estrutura em que as organizações estão inseridas e enfatizaram a constituição de clusters e redes interorganizacionais colaborativas. Também, a questão da flexibilidade e governança articulada. Quanto aos fatores ligados ao comportamento, constatou-se principalmente a questão da liderança e do comprometimento dos atores organizacionais. Para a categoria das relações interorganizacionais, o que mais prevaleceu foi à condição de troca de conhecimento interorganizacional, aprendizagem interorganizacional e a atuação em regime de colaboração nas relações interorganizacionais. Destacou-se também a necessidade de interação e articulação entre os atores, bem como a confiança nas relações interorganizacionais como um fator propulsor.

O fator mais mencionado foi “interorganizacional”, pois é o termo que acompanha outros fatores como, por exemplo: colaboração, conhecimento, redes e aprendizagem. O uso desta expressão representa integração e articulação entre organizações, Nohria e Eccles (1992) atribuíram este termo para as os desdobramentos dos diferentes tipos de redes organizacionais, seja para fins de inovação, de relacionamento, de comunicação, de aprendizado, para alianças estratégicas e etc.

O principal fator que fez a expressão interorganizacional receber destaque foi o conhecimento, mais especificamente, a troca de conhecimento interorganizacional. A troca de conhecimento entre os atores é um dos importantes condicionantes para os processos de aprendizagem organizacional, outro fator propulsor destacado.

Outro aspecto destacado é a cooperação, segundo Bodin (2017), a necessidade de cooperação

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: Bolsistas de Iniciação Científica e Iniciação Tecnológica da Unijuí

corresponde a problemas nos quais os atores exibem opiniões e interesses diferentes, assim, a resolução de problemas envolve negociações e deliberações para chegar a acordos comuns, o que costuma acontecer nos ecossistemas devido à interação de distintas organizações. Solucionar problemas de cooperação para o envolvimento e articulação organizacional se torna crucial no processo de construção do ecossistema de inovação, a fim de buscar um processo evolutivo sistêmico.

Contatou-se que a liderança foi o principal fator propulsor comportamental para os ambientes de inovação, isto quer dizer que, o conjunto das variáveis já descritas poderá não ser alcançado se não houver uma figura que desempenhe uma liderança consolidada e com qualidade, sendo assim, a liderança é um elemento que influencia no processo de colaboração (ANSELL; GASH, 2008; EMERSON; NABATCHI; BALOGH, 2012; BODIN, 2017).

As trocas colaborativas permitem a criação de redes de relacionamentos que favorecem o estabelecimento de laços sociais entre os atores. Bodin (2017) analisa os arranjos de governança colaborativa a partir das redes sociais-organizacionais colaborativas para a resolução de problemas de cooperação. Conforme o autor, redes conducentes à gestão de problemas de cooperação são caracterizadas por atores tendentes a retribuir os laços sociais recebidos e a formar estruturas triádicas, essas estruturas densas ajudam a exercer pressão social para cumprir e a desenvolver a confiança mútua. Um dos desafios na gestão da governança colaborativa está em criar e manter redes colaborativas flexíveis e adaptáveis às mudanças, mas estáveis o suficiente para facilitar o desenvolvimento da confiança mútua e do compromisso compartilhado.

Solucionar conflitos que poderão surgir da cooperação envolve também a capacidade de inovação da rede, nesse sentido, a inovação requer quebras de normas e percepções preestabelecidas encontradas em relacionamentos menos centralizados, uma vez que permite o surgimento de novas ideias e a difusão de conhecimento que são propagados por redes de relacionamentos colaborativos de maior amplitude. E, é neste sentido de amplitude dos relacionamentos da rede que se discute a importância da articulação entre organizações de distintos âmbitos, a articulação entre empresa, universidade e governo foi mais um dos fatores salientados.

Analisando os fatores inibidores da inovação foram encontrados 22 condicionantes que dificultam o êxito dos ambientes de inovação. Assim como os fatores propulsores, estes também foram relacionados às quatro categorias citadas anteriormente (ambiente, comportamento, estrutura e relações interorganizacionais). Em relação ao ambiente, os fatores inibidores se referiram, na maioria, a desarticulação do ambiente, ou seja, a falta de articulação entre as empresas, a universidade e o governo. Diante do que já foi abordado e dos resultados deste item, pode-se assim inferir que, o principal fator que leva a obtenção de um nível de efetividade nos ambientes de inovação, tal como ocorre nos ecossistemas, esteja relacionado à articulação conjunta.

Teece (2007) e principalmente Autio e Thomas (2014) transpõem esta articulação ao nível dos ecossistemas. Segundo eles, os ecossistemas são redes de organizações interligadas e organizadas a qual incorpora os participantes que estão na parte produtiva e na parte de uso por meio de relações verticais e horizontais entre esses atores, objetivando desenvolver novos valores através da inovação. A diferença com outras construções de rede está no alcance das relações, pois, os

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: Bolsistas de Iniciação Científica e Iniciação Tecnológica da Unijui

ecossistemas agregam provedores de recursos complementares, concorrentes, universidades, reguladores, órgãos governamentais e de configuração padrão. Sem esta articulação, o processo de inovação não se desenvolve, pois os ecossistemas de inovação possuem uma lógica diferente para criação e entrega de valor, devido à simbiose entre os atores e as características de estabilidade institucional que suportam lógicas particulares de valor (AUTIO; THOMAS, 2014).

A questão da desarticulação desdobra-se ainda em relação ao apoio incipiente do governo, baixo acesso a financiamentos, base industrial precária, cultura conservadora, necessidade de gestão da inovação e de projetos relacionados a ela, bem como a carência de redes colaborativas de relacionamento entre os atores. A cerca da cultura da inovação, Spinosa, Schlemm e Reis (2015) ponderaram que, é um dos desafios estratégicos para a composição de um ecossistema e o fator que propicia uma quantidade de interações e interconexões que facilitam a colaboração e a dinâmica interativa do ecossistema.

E, por fim, no que se refere às relações interorganizacionais, a falta de profissionalização das relações entre os atores e a retenção de informações foram itens mencionados como inibidores nas relações interorganizacionais. Há necessidade de interdependência entre as organizações no processo de inovação e no seu próprio desempenho, para eles, o sucesso de uma empresa inovadora muitas vezes depende dos esforços de outros inovadores no ecossistema, ou seja, ao desafio da inovação para o conjunto das organizações, sendo assim, o ecossistema somente poderia criar mais valor se todas as empresas também inovarem.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A inovação se tornou presente e indispensável para as organizações e territórios que desejam alcançar níveis superiores de competitividade, as economias mundiais que se destacaram ao longo dos anos são o resultado da efetividade dos processos e do progresso da inovação. A inovação é decorrente de um processo multiestágio, o qual as organizações passaram a transformar ideias em novos processos, serviços ou bens, com o intuito de melhorá-los, torná-los competitivos e diferenciados. Assim, vista como um processo, a inovação remete a necessidade de gestão nas formas de entrada, saída, atividades, subprocessos, objetivos e recursos, gerir a inovação está em reconhecer e melhorar as rotinas para que ela se desenvolva de forma sistêmica em todos estes níveis. No entanto, quando a inovação é discutida em termos da constituição de ambientes que tenham como objetivo principal impulsionar este processo de inovação por meio da articulação conjunta entre organizações de diferentes âmbitos empresariais, surgem novos desafios relacionados à interação destes atores, no que tange ao seu modo de se articular, relacionar, colaborar e cooperar, levando ao diagnóstico de fatores que favorecerão ou inibirão esta interação.

Evidenciou-se, portanto, que os fatores propulsores, na maior parte, se relacionaram as relações interorganizacionais e, seguidamente as estruturas organizacionais e ao ambiente. Por outro lado, os fatores inibidores se destacaram quanto ao ambiente, posteriormente à estrutura organizacional.

É possível constatar que os fatores propulsores, isto é, os elementos que condicionam o ambiente a estar mais propício a desenvolver um processo de inovação exitoso estão relacionados às relações interorganizacionais estabelecidas entre os atores neste ambiente, neste sentido,

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: Bolsistas de Iniciação Científica e Iniciação Tecnológica da Unijuí

pode-se reforçar as variáveis a cerca do conhecimento interorganizacional, da aprendizagem organizacional e da necessidade de atuar em regime de colaboração nestas relações, do mesmo modo, a articulação e a confiança entre os atores. No que tange aos fatores considerados inibidores da geração de inovação nos ambientes de inovação, destaca-se os fatores relacionados ao ambiente, mais especificamente, a desarticulação das organizações que compõem este ambiente, dentre elas: o governo, as empresas e as universidades, bem como, a carência da formação de redes colaborativas neste ambiente.

Além de contribuir com o enriquecimento da teoria e de ressaltar uma compilação de resultados que poderão servir de subsídio para estudos futuros em torno da inovação, realizando uma análise na perspectiva empresarial, esta pesquisa poderá dar subsídio às organizações públicas e/ou privadas, instituições de ensino e pesquisa e órgãos governamentais no que concerne a identificação dos pontos críticos para o desempenho exitoso ao alcance da inovação. Como sugestão para estudos futuros, indica-se a ampliação desta base de dados para um número maior de instituições de ensino que possuam programas de pós-graduação de mestrado e doutorado em Administração, assim como, para programas em áreas afins.

Palavras-chave: Ambientes de inovação; Inovação; Fatores propulsores; Fatores inibidores.

Keywords: Innovation environments; Innovation; Propulsive environments; Inhibitory environments.

REFERÊNCIAS

- ANSELL, C.; GASH, A. Collaborative governance in theory and practice. *Journal of Public Administration Research and Theory*, v. 18, n. 4, p. 543-571, 2008.
- AUTIO, E.; THOMAS, L. D. W. Innovation Ecosystems: Implications for Innovation Management. In: DODGSON, M.; GANN, D. M.; PHILLIPS, N. (Ed.). *The Oxford Handbook of Innovation Management*. Oxford: Oxford University Press, 2014, p. 204-228.
- BODIN, O. Collaborative environmental governance: achieving collective action in socialecological systems. *Science*, v. 357, n. 6352, p. 659-668, 2017.
- EMERSON, K.; NABATCHI, T.; BALOGH, S. An integrative framework for collaborative governance. *Journal of Public Administration Research and Theory*, v. 22, n. 1, p. 1-29, 2012.
- NOHRIA, N.; ECCLES, R. *Networks and organizations: structure, form and action*. Boston: Harvard Business School Press, 1992.
- SPINOSA, L. M.; SCHLEMM, M. M.; REIS, R. S. Brazilian innovation ecosystems in perspective: Some challenges for stakeholders. *Revista Brasileira de Estratégia*, v. 8, n. 3, p. 386-400, 2015.
- TEECE, D. J. Explicating dynamic capabilities: the nature and microfoundations of (sustainable) enterprise performance. *Strategic Management Journal*, v. 28, n. 13, p. 1319-1350, 2007.